

A língua, que os actuais chamam, com desprezo, "uma espanholada", era, afinal, uma derivação minoritária do latim, tão boa como qualquer outra.

Ana Preto

Na aldeia de Guadramil, a 30 quilómetros de Bragança, sobram casas "esburralhadas" (caídas), ou mal amanhadas. O "deserto" cresce aqui em ervas daninhas, de forma pioneira, deste lado da raia. Há muito todos sabem que o futuro da terra há-de ser igual ao de Santa Cruz de los Cuerragos, do outro lado do monte. Até neste caso, a Espanha aparece como o exemplo a seguir. Do outro lado, para lá do moinho de Ribeira Grande (Rio Maças na origem), as ruas ordenadas, com nome, só têm casas com portas fechadas, onde há anos se dizia que já não vivia ninguém. (Na Internet, a mais recente novidade é que, em Espanha, até este povo que fica no fim, e não dá para lado nenhum a não ser o rio que traça a fronteira, tem um site que o indica como lugar de interesse turístico.) Aqui também se espera o dia certo do fecho, e talvez do renascimento, sem paciência para balanço, sem forças para cultivo de línguas e tradições.

Adelaide e Catarina arranjam a igreja para o Dia de S. Vicente, o padroeiro da aldeia. Já lhes custou a subir ao lugar do Santo, o mais alto do altar-mor, para o descer para o andor. Antigamente faziam uma festa bonita. Agora só há missa, numa igreja renovada, que fica longe de encher. Mostram-nos como está bonita, depois das obras, mas fogem de conversas sobre esse falar dos seus avós. Ambas não se lembram nem sabem de nada. Ninguém se lembra nem sabe, a não ser com um esforço grande demais para a memória não ser atraçoada, quando faz emergir palavras que há muito ninguém diz, nem ninguém ouve.

Chamavam-lhe o falar dos antigos, à língua arcaica, que acabou quando veio a escola, ou quando os novos começaram a falar de outro modo, como nos conta Norberto Rego, que tem mais de 80 anos. O seu pai falava assim, mas, depois, foi deixando, à medida que foi ouvindo falar de outro modo.

A tia Maria Teresa é uma das pessoas com mais idade na aldeia. O seu pai falava "o antigo", mas ela já não. Nem uma palavra emerge, que a memória já não é o que era e tudo se esquece.

"A minha avó, que nasceu em 1903, foi à escola a Deilão, porque aqui não havia ainda, e contou-me, antes de morrer, que a professora a corrigia,

quando falava nessa língua dos tios mais velhos. Foi ainda antes da Primeira Guerra que aprendeu as primeiras letras. Dos meus avós, um, que nasceu em 1886, era o único que falava fluentemente, mas também foi à escola.

Mandaram-nos para Sociais, e aí ficou instruído em português oficial, para matar a velha mania de dizer coisas meio «espanholadas». É desse modo que Norberto nos define o falar antigo: "era uma espanholada dos diabos".

Na geração seguinte, muitos foram a Deilão a aprender, outros a Rio de Onor e, no início da década de 1930, o povo de Guadramil construiu uma escola, por sua vontade e iniciativa. Tal como os de Rio de Onor fizeram a estrada, os de Guadramil construíram a escola, se a quiseram ter. Essa escola só fechou nos finais da década de 1980, por falta de alunos. Foi das primeiras no concelho a "dar o exemplo" do futuro.

João Abreu refere que a primeira escola foi erguida, em parte, pelo empenho de António Rodrigues. Um natural da terra, que era oficial do Exército Português e que motivou o povo à construção da infra-estrutura, onde as gerações de crianças se haviam de instruir. Aí muita gente aprendeu depois as primeiras letras. A escola, que já antes, na década de 1960, havia sofrido obras que garantiram o seu funcionamento por mais duas décadas, é agora uma casa conservada. A última obra teve lugar depois de o edifício já não ser escola. A entrada exhibe, agora, uma lustrosa placa a dizer:

"Inaugurada por Sua Excelência, Engenheiro Jorge Nunes, presidente da Câmara Municipal de Bragança".

Além da escola, Albano Nunes, outro dos mais antigos, que vivem ainda em Guadramil, fala-nos no papel da Guarda-fiscal. O Posto, aí instalado, trouxe guardas, gente de fora, que também falava a língua oficial, e não um qualquer linguajar. Além dos guardas, durante um relativamente curto espaço de tempo, estiveram também mineiros, que vieram (aqui existe a ideia de que eram sobretudo minhotos) para trabalhar na mina, que não foi nunca muito além de um projecto de exploração.

Depois vieram os tempos modernos, o rádio, os hippies à Portuguesa, que depois de 74 também acamparam por aqui, a televisão, e tudo o que, mesmo aqui, aos confins de Portugal, acabou por chegar, talvez um pouco tarde, ou até demasiado tarde. Apesar das casas "esburradas", como aqui se chamam às casas desmoronadas, as ruas estão limpas. Só algumas, na Primavera, ficam cobertas de erva nativa, que cresce com força entre os paralelos. Nos últimos anos passou a haver saneamento básico e outras condições, que nunca a aldeia havia tido.

À entrada das portas fechadas, das casas caídas, não podemos, no entanto, ouvir mais o convite, "tchubide pa riba rapazas" (subi raparigas), ou talvez "xubide pa riba". Aqui não haverá polémicas ortográficas, nem declarações de independência do riodonorês, ali ao lado. Os dois falares são mortos, ou

só vivem ainda, sem que se saiba, em pequenas expressões de identidade. Um natural não pode deixar de se comover com um diminutivo feito com "ico", como "garotico ou pequeninico".

Para lavar, o verbo mais usado era "arar", que também se diz em português, mas não é tão usado, tal como o "mercar", para comprar. Às estevas, estes que as conheciam bem, dizem-nos que lhes chamavam "xaras", aos feijões "freixones", às couves "versas" e, quando chovia muito, caía uma "zurbada d'auga". Era bom tempo então de ir "moler au molino". Quem fosse, ao voltar, dizia talvez: "andibe a moler". O "andibe", em vez de andei ou fui, custava "a sair" na escola. Por vezes, a professora tinha de aplicar a régua para fazer saltar a língua para o devido lugar da pátria de Camões. Dizem-nos ainda, mergulhando na memória, que abelha era "abeia", cortiço era um "cortcho" e um feixe uma "manhuça". Olhai era "mirai" e para parar se dizia "xó". Este último sobreviveu até aos últimos tempos em que ainda havia vacas a lavar os campos.

Ao contrário do que pensa quem tem hoje 80 anos e mal se lembra do falar dos antigos, esta não era uma mistura de português e espanhol, ou "uma espécie de espanholada". Dizem os livros que, tal como o mirandês, o quadramilês e o riodonorês têm origens no asturo-leonês; língua maior que não vingou politicamente, e, por isso, quase desapareceu, e que, como o galaico-português e o castelhano, foi uma derivação do latim. Há quem veja no "iba cun la boiada", frase que se lembram em Quadramil de ouvir, uma mais legítima aproximação a Virgílio, do que um português "ia com as vacas". Mas esta língua não teve oportunidade de sobreviver aos tempos em que havia de estar na moda, como a sua congénere, mais do sul. O território isolado, com menos falantes, acabou por ser mais permeável, e nem em casa, no contexto familiar, sobreviveu além de uma ou duas palavras, ou um diminutivo.

Na Internet, a grandiosa biblioteca, no site: mirandes.no.sapo.pt, da responsabilidade de Manuela Barros Ferreira, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, existem uma série de informações, textos de conferências e outros dados importantes, coligidos por linguistas, que traçam o mapa do asturo-leonês em Portugal, as regiões de delimitação e os lugares onde a língua destes antigos sobrevive na toponímia.

Mensageiro de Bragança, 26 de Janeiro de 2006